

1. **Entrevista com a coordenadora do setor educativo do Centro de Arte Moderna - CAM da Fundação Gulbenkian – Lisboa – Portugal – Profa. Susana Gomes da Silva - Data da entrevista – Abril de 2010**
2. Entrevistadora: Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva – PPGAV – UDESC
3. O texto após transcrição foi corrigido pela professora Suzana e encontram-se em português de Portugal.
4. Site da fundação: <http://www.gulbenkian.pt/>

Maria Cristina - Susana, como funciona o projeto do setor educativo aqui na fundação?

Susana – Ora, neste momento e desde há dois anos para cá, houve uma reformulação na fundação porque existiam quatro áreas com serviços educativos independentes: o centro de arte moderna que é onde estamos o Museu Gulbenkian, o serviço de música e temporada de música e o jardim Gulbenkian. Há dois anos foi decidido que o mais interessante seria unir toda esta gente que trabalhava com actividades e peopostas de carácter educativo. É claro que nalguns casos já trabalhávamos uns com os outros, mas não de forma tão estruturada, havia um funcionamento autónomo e independente, pelo que se tornava importante integrar os 4 sectores e criar um grande projeto: o Programa Descobrir - programa Gulbenkian Educação para a Cultura. Desde então estamos juntos neste programa e em primeira instância serviu imediatamente para uniformizar, por exemplo, os sistemas de inscrições e marcações, os aspectos mais burocráticos e, sobretudo a divulgação. Na verdade teve efeitos tão simples como passar a ter uma única central de marcações, uma única brochura a anunciar tudo, ter timings comuns para programação e divulgação, esse lado mais prático, mas também permitiu dar maior

visibilidade a toda a área educativa que é trabalhada na fundação e que no fundo se expande por todos os sectores (Música, Museus e jardins) e que incide na grande riqueza patrimonial da Fundação.

É obvio que isso também abriu novas vias de trabalho e possibilidades de expansão para além do património exclusivamente Gulbenkian, Este ano, por exemplo, o Descobrir teve uma colaboração com a Mostra, que é um festival de cinema de animação que existe anualmente em Lisboa, tem ainda uma colaboração com outro programa que existe na fundação, o Próximo Futuro, para o qual desenhámos uma programação específica. Para o ano que vem estamos a pensar em colaborar também com INDIE LISBOA, o festival de cinema independente, que tem uma secção para o público jovem e infantil Indiejúnior.

No fundo, com a possibilidade destas e outras extensões, este programa também pretende alargar o âmbito da educação artística e a missão educativa que a fundação sempre assumiu para com o seu património.

Maria Cristina - Tu poderias falar sobre a Fundação Gulbenkian, como é que ela surgiu, qual é o projeto dela?

Susana – A fundação nasceu por desejo de Calouste Sarkis Gulbenkian, um importante colecionador e homem de negócios de origem arménia, que viveu muito tempo na Europa (Paris e Londres) e que por altura da segunda guerra mundial se viu na necessidade de sair de onde vivia e refugiar-se em Portugal. Neste período da guerra Lisboa era uma cidade para onde vinham muitos dirigentes, políticos, homens de negócios, etc. e, Calouste Gulbenkian, ao refugiar-se em Portugal e viver aqui de 1942 até á sua morte em 1955, desenvolveu uma relação forte com o país e com o seu advogado José de Azeredo Perdigão que era quem aqui lhe tratava do património. Gulbenkian era um exímio homem de negócios (era um homem dedicado a negócio de petróleo, um hábil negociante, chamado o senhor cinco por cento porque nos negócios que realizava ficava sempre com 5% de comissão) e um reputado colecionador, com

uma coleção de caráter internacional que vai desde a cultura grega até ao final do século XIX, início do século XX e que cobre tudo, imobiliário, joalheria, azulejo, cerâmica, paramentos, obras egípcias, a pintura europeia, além de uma importante coleção de livros e encadernações raras e especiais.

Para a biografia completa ver por favor:

http://www.gulbenkian-paris.org/portugal/accueil_calouste.htm

Maria Cristina – Então tem um acervo permanente da fundação?

Suzana – Exatamente. Calouste Gulbenkian tinha já este grande património, desta riqueza imensa, um grande apreço pela arte, e a sua permanência em Portugal fazem-no pensar que é aqui que ele queria que fosse criada uma fundação com seu nome e o seu património (ideia que já vinha de longe), e sobre tudo criar um local onde pudesse erigir um museu onde a sua coleção pudesse estar toda sob o mesmo teto.

Escolheu Portugal como local e deixou este desejo expresso em testamento, bem como as linhas de acção e as áreas estatutárias desta fundação. Foi exactamente José Azeredo Perdigão, o seu advogado, que depois da sua morte deu forma e permitiu concretizar o desejo de Gulbenkian assim nascendo a Fundação Calouste Gulbenkian em 1957. Esteve originalmente instalada num palácio em Oeiras e depois em 1969 abriu nas instalações actuais, um edifício modernista inteiramente concebido para o efeito e que hoje é património classificado. O Museu Gulbenkian existe desde esse primeiro momento, albergando a sua colecção privada, mas o Centro de Arte Moderna só foi construído e aberto ao público em 1983 e por iniciativa directa de José de Azeredo Perdigão.

No seu testamento Gulbenkian definiu quatro áreas estatutárias que ainda hoje funcionam como grandes áreas de investimento da fundação: caridade (hoje substituída pela ideia de desenvolvimento humano), educação, arte e ciência. Ora bem, estas quatro áreas estatutárias são a estrutura base do desenvolvimento da própria fundação que tem um serviço de ciência (e tem também um instituto de ciência onde se faz investigação de ponta) e um Serviço de Educação que tem um papel importante na atribuição de

bolsas e subsídios para projectos e investigação. Há cerca de dois anos houve um projeto que chamava Reinserção pela Arte, lançado pelo serviço de educação para o trabalho com jovens em regime de detenção. É também do Serviço de Educação o antigo Instituto de apoio à leitura que foi responsável pelo desenvolvimento da maioria das bibliotecas do nosso país por outro serviço que durou décadas, muito interessante, que foi o das Bibliotecas Itinerantes Gulbenkian, que andavam de terra em terra e que foram muitas vezes a única forma das pessoas nas aldeias contactarem com livros.

Maria Cristina – lembro-me que parte desse acervo ia para as universidades brasileiras inclusive, porque a primeira vez que eu tive informação sobre a fundação foi em Florianópolis com um livro, parte de um conjunto que foi distribuído para a biblioteca da UDESC.

Suzana – Exactamente, toda essa acção faz parte do tal Serviço de Educação e Bolsas porque uma das áreas que tem é a da atribuição de bolsas para investigação, para conferências, e antigamente para os melhores alunos das escolas que podiam receber um subsídio para que continuassem a estudar. Uma das outras áreas estatutárias é a actualmente designada de Saúde e Desenvolvimento Humano e que não só dá apoio a projetos na área da saúde, de equipamentos hospitalares, investigação, como desenvolve programas como por exemplo o de requalificação de médicos imigrantes. Em Portugal existe uma grande vaga de imigrantes dos países de Leste que são muitas vezes hiper qualificados porque são pessoas com estudos superiores, muitos deles médicos. Justamente por isso, a fundação criou um projeto de requalificação dos médicos imigrantes, com um plano de estudos e um exame de validação das suas competências de forma a poderem exercer medicina em Portugal. A área do desenvolvimento humano também tem projetos de intervenção social, muito interessantes, como por exemplo o da Orquestra Geração, um modelo importado da América latina, segundo o modelo das orquestras Símon Bolívar, para intervenção em bairros sociais.

Neste momento é a segunda fase do projecto que começou com uma orquestra e agora já vai em seis orquestras espalhadas pelo país. (para saber mais sobre este projecto veja-se o artigo:

http://www.gulbenkian.pt/media/files/fundacao/programas/PG%20Desenvolvimento%20Humano/pdf/NL102_abril2009.pdf)

E por último, falta referir a área da Arte, com o Serviço de Belas Artes (que também organiza e produz exposições, mas cuja função principal é muito mais apoiar artistas ou investigações sobre a arte com bolsas), com o Serviço de Música responsável pela temporada de música e pelo Coro e Orquestra Gulbenkian, e com os dois museus, o Museu Gulbenkian que reúne toda coleção Gulbenkian e o Centro de Arte Moderna, nascido mais tardiamente e tornado possível pelo advogado que geriu o testamento de Gulbenkian, José Azeredo Perdigão que era um homem da sua época, um homem com visão achou que uma fundação com uma área de intervenção artística tão assumida não devia deixar de olhar para aquilo que se fazia no seu tempo e, portanto promoveu a criação de um Centro de Arte Moderna que pudesse dar voz as produções e criações artísticas diversificadas do século XX,. O CAM, que abriu em 1983, originalmente, reunia, portanto não só uma coleção, como uma grande componente de exposições temporárias, e ainda uma componente dedicada às artes performativas e mais experimentais: o ACARTE. Os encontros ACARTE foram durante muitos anos em Portugal o sítio aonde se vinha ver que não havia mais lado nenhum, onde actuou pela primeira vez a Pina Baush por exemplo.

Grosso modo estas são as áreas em que a Fundação trabalha hje em dia embora o faça numa lógica mais flexível e orgânica, substituindo alguns Serviços (que são estruturas mais rígidas) por Programas de 3 anos que cruzam vários setores, várias tem,áticas actuais e que exigem outros tipos de sinergias.

O programa Gulbenkian Educação para a Cultura é também, obviamente, uma resposta actual neste sentido de uma maior organicidade. A vertente pedagógica assumida pelos vários sectores da Fundação existia de forma um bocadinho fragmentada e começou a ser evidente que este potencial, este imenso património, se

unisse e fosse apresentado ao público na sua amplitude. Falo inclusivamente de coisas tão simples como tornar clara e visível a existência de uma variadíssima programação para todos os públicos, torná-la mais acessível e mais abrangente e com isso, potenciar a criação de sinergias entre os vários serviços educativos aproveitarmos ainda mais o potencial e o know how de cada uma das equipas existentes.

A brochura do Descobrir foi logo um passo nesse sentido, uma tentativa de proporcionar suportes comuns de divulgação que dessem imediatamente ao público o conhecimento sobre a multiplicidade de propostas educativas que aqui encontra. Neste momento fazemos uma anual para as escolas, que reúne visitas, oficinas, concertos comentados, cursos e oficinas de formação para professores e educadores, e que está vigente durante toso o ano lectivo. Para além dessa temos duas brochuras semestrais com a imensa programação que temos para particulares (aqueles que não vêm em grupo organizado: crianças, famílias, adultos, jovens), como chamamos na gíria.

Esta que estás a folhear é a que reúne o que está neste momento a decorrer e se reparar vai ver que cobre um bocadinho de tudo, aproveitar todo o património Gulbenkian porque, na verdade, ter uma orquestra e uma temporada de música riquíssima, ter um jardim e um parque espantoso, ter um museu com a colecção Gulbenkian e um Centro de Arte Moderna dedicado à arte dos séculos XX e XXI , permite uma matéria prima de trabalho incrível, e conseqüentemente uma programação muito diversificada.

Maria Cristina - Susana vocês recebem públicos especiais nessas atividades?

Sim, o Sector de Educação e Animação Artística do Centro de Arte Moderna mesmo antes de pertencer ao programa Descobrir já trabalhava num projeto, que na altura, (agora já não se chama assim), se chamava Museu Aberto e o programa museu aberto dirigia-se especificamente ao público com necessidades especiais. Foi um projecto que começou de uma forma muito experimental porque começamos a ser contactados por uma ou duas instituições que nos pediam actividades para pessoas com deficiência,

nomeadamente deficiência mental, e resolvemos aceitar e fazer a experiência mesmo sabendo que nenhuma das pessoas da equipa tinha formação especializada. Isto já faz seis anos porque na verdade, ainda não o tinha dito aqui, mas, apesar do museu de arte moderna existir desde 1983, o Serviço Educativo do Centro de Arte Moderna só nasceu em 2002, antes dessa data, o que existia eram actividades com alguma regularidade (nomeadamente visitas para escolas e visitas para público em geral) mas sem um serviço ou sector que se dedicasse integralmente a desenhar programação de forma estrutural e dirigida a públicos mais diversificados. Antes desta data, existia na Fundação outro departamento (que agora já não existe), que tinha nascido em simultâneo com o ACARTE, e que se chamava Centro Artístico Infantil. Este CAI foi um espaço pioneiro em Portugal no movimento da Educação Pela Arte, aliás, um dos grandes responsáveis pela difusão do movimento da educação pela arte em Portugal sob a direcção da Dra. Natália Pais e por iniciativa de Madalena Azeredo Perdigão (mulher do presidente) que era uma mulher com uma visão extraordinária. Este Centro funcionava num edifício no meio do jardim e tinha uma programação autónoma, ou seja, podia ou não usar o património Gulbenkian, nomeadamente os acervos dos museus, mas desenvolvia sobretudo uma programação própria, com produção de exposições, oficinas, cursos de formação dedicados a crianças, pais e educadores. Durante muito tempo, cerca de 20 anos, o CAI marcou, digamos assim, o ritmo da inovação da educação pela arte em Portugal. Foi só quando a Fundação decidiu extinguir o CAI por ocasião da reforma da sua directora, a Dra. Natália Pais, que o Centro de Arte Moderna, decide ter um serviço educativo estruturado integralmente a partir da sua colecção e programação expositiva. E foi nesse momento que eu fui chamada a desenhar o projecto de serviço educativo que ainda hoje temos, a delinear a sua programação e a coordenar a equipa.

Maria Cristina – Susana, qual é a tua formação e o que tu fazes, tu coordenas um núcleo aqui como que funciona essa coordenação e como tu chegaste aqui qual a tua formação?

Susana – Ora bem, minha formação é em História e eu fui professora do Liceu de história durante cinco anos, mas depois em 2000 fui para Barcelona e fiz uma formação de pós graduação em Museus e Educação com Fernando Hernandez na Universidade de Belas Artes – Faculdade de Belas Artes, seguida de um MASTERS Programm em Museum Studies em Inglaterra, na Univesrsidade de Leicester, com especialização em Museum Education and Communication com a Eilean Hooper-Greenhill. E, portanto no fundo, aos poucos acabei por me ir transferindo da área da docência para a área da educação nos museus ou educação museal, e por uma feliz coincidência, justamente quando me encontrava a fazer um estagio prático no New Museum Of Contemporary Art em Nova Iorque, ligaram-me do centro de arte Moderna, para onde eu tinha enviado o meu currículo, a convocar-me para uma entrevista. Comecei assim por fazer parte da equipa de monitores do CAM mas, ao fim de um ano surgiu a oportunidade de ser mais do que isso, pois coincidiu com a altura da extinção do antigo CAI e da necessidade de criação de um serviço educativo noutros moldes para o CAM. Ora esta era justamente a minha formação pelo que foi uma feliz conjugação de oportunidades.

Desde Julho de 2002 tornei-me responsável por toda programação educativa do Centro de Arte Moderna, nos primeiros quatro anos como colaboradora externa e desde 2006 como funcionária do quadro da fundação. No início acumulei estas funções com funções de formadora na área da Educação Museal tendo dado muita formação em serviço educativo ou em modelos educativos aplicados a educação não formal pelo país fora, o que acabou por me dar um grande conhecimento da realidade em Portugal, uma vez que contactei com grandes museus que estavam a começar os seus serviços educativos, como casas museu pequeninas e sem serviço educativo, e todo o tipo de realidades e situações intermédias. Tem sido até hoje um trabalho muito gratificante, embora neste momento já de mesmo formação fora do âmbito da FCG.

Susana - Voltando à questão das necessidades especiais. Desde o início que a questão da inclusão era para mim uma questão importante. Mas reconhecendo a nossa falta de experiência e formação especializada era preciso uma grande dose de coragem para nos

comprometermos a sério com um programa na área das necessidades especiais. No entanto, tanto eu como a minha colega que hoje em dia leva este departamento, a Margarida Vieira, queríamos poder dar resposta e por isso estávamos dispostas a arriscar. Para isso a margarida colocou ao serviço desta área as suas competências de expressão corporal e dramática, chamamos de fora monitores das artes plásticas e pusémos mãos à obra. E a verdade é que cada um de nós foi acabando por ir ganhando experiência acumulada e competências de trabalho com esse público, situação reforçada com a criação de algumas sinergias. Por exemplo, contactámos o CADIN, um centro em Portugal que trabalha com problemas do desenvolvimento e conseguimos que duas técnicas deles viessem observar uma série de oficinas que desenvolvíamos para famílias e que depois fizessem connosco uma avaliação e um relatório que nos dessem pistas sobre o que estávamos a fazer bem, e o que poderíamos fazer de outra forma. Essa colaboração foi uma excelente oportunidade de aprendizagem e melhoria. Trabalhámos com a APSA que é a Associação Portuguesa de Síndrome de Asperguer (uma deficiência do espectro do autismo) e quando a associação convidou técnicos americanos para um congresso sobre o método ABA (um método de aprendizagem que permite às crianças com autismo integrarem mais tarde o ensino normal), aproveitámos a sua presença e a o seu interesse em conhecerem o que fazíamos para uma vez mais solicitar uma espécie de consultoria especializada. O relatório destes observadores hiper especializados foi extremamente útil para nós e isso fez com que, de passinho em passinho fôssemos ficando cada vez mais dotados de competências. Reconheço que não é o processo habitaul, continuamos a não ter formação especializada no assunto mas por vezes sinto que temos o que mais importa: a vontade de arriscar, a dedicação e a crença de que é possível. Por exemplo, nos só soubemos que fazer uma proposta de oficina sobre o auto-retrato era impossível para um público autista depois de o fazermos a imenso tempo. Por isso foi com estranheza que reagimos quando numa reunião nos disseram que para um autista é impossível fazer um retrato porque os autistas não conseguem reconhecer as emoções e ler a expressões faciais. Nesse momento nós olhámos uns para os outros e pensámos, ora ainda bem que não sabíamos isso antes

porque conosco todos os autistas há muito tempo que fazem auto-retratos. Sinceramente, muitas vezes penso que é uma vantagem não sermos especializados na coisa, porque arriscamos mais, acreditamos mais facilmente, reagimos com mais flexibilidade, e se não conseguirem se arranja outra maneira. E a verdade é que todas as experiências que fizemos foram assim, por ensaio-erro, sem estarmos demasiados formatados. Começamos, como já tinha dito, por ir dando resposta a pedidos pontuais, mas hoje em dia, vários anos depois da primeira experiência de 2002 já reunimos conhecimento e experiência suficiente para oferecer uma programação ampla e regular para as necessidades especiais. É assim que desde 2007 resolvemos assumir uma linha específica de programação para público com necessidades especiais (especialmente deficiência mental moderada e autismo, isto justamente porque eram os públicos que sempre tínhamos trabalhado mais).

Maria Cristina: Suzana os projetos com o público com deficiência é sempre na área do teatro?

Susana: Sempre com a área da expressão corporal e dramática, mas associando a esta a área das artes plásticas e visuais. Este cruzamento permitiu uma abordagem mais rica e ampla, houve instituições que começaram a vir todos os anos, e isso fez com que de uma proposta de oficina na programação, passássemos a ter duas, depois três e actualmente temos anualmente em cartaz 5 propostas temáticas diferentes. 2 temas incidem sobre o corpo (Com pés e cabeça; De corpo inteiro), dois na área do retrato (meu rosto teu; retrato a quatro mãos) e um na área da deficiência visual (Ideias na ponta dos dedos). Trabalhamos por módulos, cada oficina é um módulo temático e funciona de forma independente, mas quem quiser fazer os vários módulos ao longo do ano acaba por ter um projecto de trabalho mais frutuoso, pois tem uma maior continuidade.

Maria Cristina: Com a experiência no CAM você observa um crescimento no movimento de inclusão?

Susana: Ultimamente a procura cresceu imenso, tanto ao nível dos grupos organizados, como ao nível das famílias (para quem temos programação aos fins de semana). Tanto é que não temos datas disponíveis até ao final de junho e tem gente com lista de espera para nova temporada que começa em outubro. Isso é bom sinal, sobretudo se pensarmos que até agora quem nos procurava eram as instituições privadas, instituições de solidariedade social, e agora começamos a receber escolas públicas que tem os alunos em regime inclusivo, escolas inclusivas, que é uma forma mais interessante de se trabalhar, um desafio novo. Outro dos factos que nos alegram é que os grupos acabam por se inscrever em todos os módulos. Temos cada vez mais inscrições de longa duração o que permite um trabalho mais interessante e continuado (começam com o Com pés e cabeça, que é uma abordagem mais genérica ao corpo no seu todo e terminam no retrato a quatro mãos, que é dedicado ao auto-retrato construídos a pares). Cada módulo é sempre constituído por duas sessões de 2 horas, introdução a uma segunda feira e conclusão a uma sexta. Isso permite aproveitar o facto do museu estar fechado ao público às segundas para realizar uma visita mais exclusiva, mais tranquila, e proporcionar o melhor ambiente para o 1º contacto entre o grupo e os monitores, tendo a segunda sessão num dia em que o museu já está em pleno funcionamento e permitindo que este grupo coexista com os restantes visitantes agora que o espaço já se lhe tornou mais familiar e a relação de confiança e segurança já foi criada. No ano passado abrimos um programa para famílias aos sábados que também tem funcionado muito bem.

Trabalhar com famílias é mais complexo porque o grupo não se conhece, porque não há possibilidade de realizar uma reunião técnica com os responsáveis (como fazemos com os grupos organizados) uma vez que cada família é independente. Ainda assim decidimos que valia a pena arriscar, as famílias sentem-se muitas vezes isoladas, necessitam de um espaço para partilhar experiências, de conhecer novas propostas metodológicas, de se divertir num espaço público como qualquer outra família. Isso é o que nos move. Por sessão aceitamos 6 famílias e por família entendemos todo o agregado familiar nuclear (podem ser 4 pessoas no caso de ser mãe, pai e 2 filhos).

Queremos trabalhar esse núcleo para que as ideias que surjam possam depois ser usadas para a família trabalhar sozinha. Às vezes dá-nos muito medo, mas tem sido espantoso.

Maria Cristina- amanhã tem visita?

Suzana - não, a próxima é só em maio

Maria Cristina- é um projeto bem interessante

Suzana - O programa que propomos para famílias é igual ao que propomos para os grupos, as temáticas são as mesmas. Tem corrido muito bem. A dificuldade de trabalhar com mini-grupos dentro do grupo (cada família) é amplamente compensado pelo grau de motivação dos participantes. A partilha é fundamental e o primeiro grupo que tivémos não só repetiu todos os módulos como em seguida criou entre si um blog chamado A 4 mãos, que serve justamente para partilhar experiências entre famílias com filhos portadores de deficiência e fazer com que as pessoas não se sintam tão sozinhas.

Maria Cristina - Até porque de fato todas as potencialidades e hoje falar de uma pessoa com autismo não é falar de um igual, cada tipo de autismo é uma pessoa diferente.

Suzana - Sim claros , muitos dias têm grupos que conjugam vários tipos de perturbações, autismo e hiperatividade, há uma série de coisas que nos aparecem aqui associadas. Nunca é possível ter um modelo que se aplica e pronto, temos que gerir o grupo com muita flexibilidade e com muita capacidade de escuta para saber quando avançar e quando recuar. Quando trabalhamos com grupos organizados temos a vantagem de trabalhar com o apoio dos técnicos, costuma ser dois por grupo, e não aceitamos mais que doze pessoas de cada vez, e muitas vezes as instituições organizam os grupos em termos de funcionalidade para que as estratégias de abordagem para cada caso possam ser mais efectivas. Trabalhamos com todas as idades a partir de seis anos em diante e o que mais temos são jovens e adultos. Ultimamente temos trabalhado cada vez mais com esquizofrenia o que tem sido um desafio novo extremamente estimulante.

Maria Cristina – E Susana para fechar, quais são os desafios do educativo, as metas, aquilo que vocês gostariam ainda de conquistar, porque pensar um setor educativo na Europa, num país consolidado, com a estrutura que vocês tem aqui na Fundação Gulbenkian é bastante diferenciado de pensar os setores educativos na maioria dos museus brasileiros, mas vocês devem ter demandas daqui também, coisas a serem conquistadas. Fale-me sobre esses projetos do futuro?

Suzana – Nesta área específica, da deficiência, há um trabalho que estamos a começar, a tentar fazer e que ainda não nos sentimos tão preparados: a criação e desenvolvimento de programas para invisuais e pessoas com baixa-visão. Acho que é um desafio do nosso futuro próximo, espero eu. Já fizémos algumas experiências, fomos aliás um dos museus que participou de um estudo de caso de uma moça que estava fazendo sua tese de mestrado sobre a acessibilidade dos museus de arte a pessoas com deficiência visual, mas ainda não conseguimos desenvolver um projeto que sintamos que se pode anunciar de forma tão consistente como as restantes propostas. E neste campo é preciso ser-se muito cuidadoso. O número de pessoas com patologias no âmbito da baixa visão é imenso e uma das coisas que aprendemos ao longo deste estudo de caso é que a maioria das pessoas com baixa visão evita vir a locais como estes porque sentem que estes locais são hostis. Não queremos fazer a coisa mal feita e contribuir ainda mais para esta sensação.

Maria Cristina – Obrigada Susana pela disposição em nos dar a oportunidade dessa entrevista para a *Revista: Educação, Arte e Inclusão* e parabéns pelo trabalho realizado frente a coordenação do setor educativo.